

ALIMENTAÇÃO ESCOLAR SAUDÁVEL: AS ATIVIDADES DE EXTENSÃO PAUTANDO ESSE PROCESSO

DAIANE ROSCHILDT SPERLING¹; FERNANDA NOVO DA SILVA²; HENRIQUE EHLERT POLLNOW³; GERMANO EHLERT POLLNOW⁴; NÁDIA VELLEDA CALDAS⁵; SHIRLEY GRAZIELI SILVA NASCIMENTO⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas – daianesperling@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – fernandanovo@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – henriquepollnow.96@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – germano.ep@outlook.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – velleda.nadia@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – shirley.altemburg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Tema emergente na atualidade, a alimentação e seus símbolos tem sido assunto recorrente na academia nas mais diferentes áreas. Entender o universo que se encontra por trás do ato de se alimentar é algo extremamente relevante para auxiliar na consolidação de hábitos alimentares saudáveis tão necessários para a sociedade contemporânea (PIPITONE, 1995, ALTEMBURG, 2014). O ponto limite para essa questão é a construção do que é comer bem e o que é comer saudável? Embora exista um discurso que norteie essa temática, diversos trabalhos demonstram que as representações sociais em torno de uma “comida boa” nem sempre correspondem aos preceitos de uma alimentação saudável (PAIVA, 2011; PIPITONE, 1995, ALTEMBURG, 2014). Isto porque, embora as sociedades convirjam no entendimento de que comer bem é comer comida saudável, a prática social não reflete tal noção. Como afirmam GEMOV; WILLIAMS (1996), o comer está voltado não apenas às questões de saúde, mas também à moda e à atração física na época do culto à figura¹.

Imerso nas discussões alusivas a esse tema organizamos um seminário, no município de Cerrito/RS, vinculado ao Núcleo de pesquisa e Extensão em Agroecologia e Políticas Públicas para Agricultura Familiar (NUPEAR)², o qual tem como uma de suas frentes de pesquisa e extensão um projeto guarda-chuva focado no estudo das representações sociais sobre alimentação escolar no extremo sul gaúcho, a partir do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Esta pesquisa teve como universo empírico escolas rurais e urbanas dos municípios de Canguçu (respectivamente, Escola Castelo Branco e Escola Irmã Firmina Simon), Cerrito (respectivamente, Escola Ulisses Guastucci e Escola Dr. Jaques da Rosa) e São Lourenço do Sul (respectivamente, Escola Germano Hübner e Escola Professora Marina Vargas).

Dentre os municípios estudados, Cerrito se destacou por possuir uma forte articulação entre o poder público local e os agricultores familiares. No entanto, o limite detectado, a partir da pesquisa empreendida, esteve centrado na aceitação

¹ Os autores chamam à atenção para importância dada à aparência tanto dos produtos, quanto das pessoas, referindo-se como “culto à figura”.

² Proposta aprovada junto ao CNPq, através do Edital 58/2010, e institucionalizado pela UFPel através do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão (COCEPE), Resolução nº 8, de 27 de outubro de 2011.

de uma nova diretriz para alimentação dentro das escolas, não apenas por parte de alguns alunos, mas também por alguns servidores e gestores escolares.

Neste contexto emergiu a demanda de desenvolver atividades que fossem capazes de proporcionar o despertar à construção e reflexão sobre a importância da educação alimentar dentro do processo educacional, pelo menos, desde a pré-escola até o final do ensino fundamental. Assim, foi organizado um seminário intitulado “I Seminário sobre Alimentação Escolar no Município de Cerrito”, que contou com a participação de diversas todas as escolas da rede municipal de ensino urbanas (Dr. Jacques da Rosa Machado, São Miguel e EMEI Regina Maria Duarte Alves) e rurais (Ulisses Guastucci, Reinaldo Karnopp, Felipe dos Santos, Santo André e Dr. Jaime Faria).

Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho foi compreender como pensam e se articulam os servidores das escolas municipais de Cerrito em relação as questões atinentes a temática da alimentação escolar saudável.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho amparou-se em metodologias qualitativas, que possibilitam descobrir um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1996). Dentre elas destacam-se a observação participante e as discussões em grupo. O seminário em foco consistiu-se em um dia de atividades. No início da manhã houve o ato de inscrição e credenciamento dos participantes, onde cada um deles recebeu um formulário³, que guardava o objetivo de apreender as percepções e classificações a respeito da merenda escolar. Ainda na parte da manhã, num segundo momento, passou-se para a realização de um espaço de exposição teórica e reflexiva, o qual foi conduzido pela conferencista Regina Miranda⁴. Na parte da tarde, promoveu-se a realização de discussões em grupos temáticos de discussão, onde o fio condutor esteve centrado em como as escolas poderiam trabalhar a educação alimentar como parte integrante e indissociável da educação básica.

Dentre o público alvo estavam professores, merendeiras, diretores de escolas e demais servidores. Os grupos de trabalho foram divididos por cargos dentro das escolas de forma que pudéssemos contemplar a diversidade de olhares, a partir das funções que cada um cumpre na escola. Dessa forma, entendemos que todos poderiam dar suas opiniões e expressar seus sentimentos e percepções. Os grupos contaram com um mediador e um observador, que ficou encarregado de transcrever os relatos.

Os dados foram interpretados através da análise de conteúdo, que, segundo BARDIN (2011), consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.

Na Figura 1, podem ser visualizadas algumas imagens ilustrativas que mostram o desenvolvimento das atividades durante o dia do seminário.

³ O referido formulário foi respondido pelos participantes, e recolhido antes da palestra teórica e reflexiva (que ocorreu em um momento posterior), para não haver indução ou interferência nas respostas.

⁴ Nutricionista, gerente técnica adjunta da Emater/RS – Ascar e representante do Fórum Estadual de Segurança Alimentar.



Figura 1: Imagens das atividades desenvolvidas durante o I Seminário sobre Alimentação Escolar no município de Cerrito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conjunto de informações sistematizadas ao logo do I Seminário sobre Alimentação Escolar no Município de Cerrito (notadamente, as advindas do formulário preenchido pelos participantes), foi subsídio fundamental para formatação, organização e execução do curso de formação para merendeiras, realizado no município em 2014 e serve, ainda hoje, como guia para discussão.

É importante ressaltar ainda que a conferência realizada na parte da manhã problematizou questões importantes acerca da educação alimentar, as quais foram debatidas e aprofundadas dentro dos grupos de discussão ocorridos na parte da tarde. Diversas questões foram expostas nas discussões de grupo, porém algumas se destacaram com maior relevância. Dentre elas, está o fato de a maioria dos professores só ter interesse em abordar o tema da alimentação saudável para alunos das séries iniciais. Fato este que se justifica pela retroalimentação que acontece nessa fase, bem diferente dos limites e dificuldades de discutir este assunto com adolescentes.

Segundo os resultados dos grupos de trabalho, na adolescência a questão da alimentação transcende o gosto, incorporando principalmente as questões atreladas à mídia e a necessidade de pertencimento ao mundo atraente dos *fast-foods*. Nesse sentido, quando questionados “como fazer?” para abordar o tema da alimentação saudável dentro das salas de aula, a maioria dos participantes afirmou ser fundamental envolver o tema da alimentação saudável de forma transversal, perpassando as diversas disciplinas da grade curricular das escolas de ensino fundamental e médio.

Entretanto, nos relatos esteve presente também o não entendimento de que a educação alimentar deva entremear todo o período escolar, pois como asseguraram não há tempo sequer para que os professores ministrem seus conteúdos “fundamentais”. Esses servidores assumem não ter domínio sobre as interfaces do tema alimentação saudável para que consigam desenvolvê-lo de forma articulada com as diversas áreas do conhecimento. Também foi levantado pelos participantes que faltam livros didáticos que abordem esse tema e que subsidiem a formação dos professores, a fim de que estes possam trabalhar a temática da alimentação saudável em sala de aula.

Os professores e gestores escolares também identificaram a falta de recursos e espaço para desenvolver atividades diferenciadas e atrativas capazes de conquistar inclusive os alunos desinteressados e despreocupados com o tema. Dentre as possíveis ações, vários participantes apontaram à criação de hortas didáticas nas escolas, visto que a partir deste espaço pedagógico seria possível incentivar os alunos a produzir parcela dos alimentos consumidos nas escolas, bem como pautar a discussão sobre aspectos que caracterizam a alimentação saudável. Outrossim, foi apontada a relevância de fortalecer e consolidar comunidades escolares, onde se integre a família dos escolares de servidores e da vida escolar dos alunos, conscientizando-os acerca da importância da alimentação saudável, tanto no espaço escolar quanto no familiar.

4. CONCLUSÕES

Os dados nos permitem afirmar pela relevância de fomentar espaços de discussão e reflexão sobre alimentação saudável, que apontem à necessidade de criar um canal de conexão entre as escolas e os pais, visto que as construções feitas na escola devem ser alicerçadas em casa, fazendo parte de um conjunto de práticas em prol da educação alimentar. De outra parte, admite-se que a atuação conjunta de órgãos públicos, como Emater, Secretaria de Educação e Secretaria de Agricultura em ações que fomentem a discussão, participação e comportamento no que diz respeito à alimentação, especialmente de crianças, é fundamental para que a educação alimentar esteja presente no cotidiano dos gestores públicos, das famílias e dos escolares. Em avaliação do dia de atividades os participantes assumiram que ainda que, em curto prazo, era difícil desenhar mudanças nas ações e na condução de pautas cotidianas que fosse capaz de colocar em cena um trabalho efetivo sobre educação alimentar, foi suficientemente rico e entusiástico no sentido de despertar em cada um dos participantes a inquietação a respeito do *status quo*. Ademais, concluímos que a articulação entre pesquisa, extensão e ensino tem contribuído enormemente para engendrar estruturas de intervenção que auxiliam no desenvolvimento de melhorias em realidades que outrora eram espaços de pura observação. Neste sentido, destaca-se que os resultados apresentados ainda animam as discussões que conduzimos em sala de aula, com alunos da disciplina de Extensão Rural (Curso de Agronomia, Zootecnia e Veterinária), prezando pelo entendimento de que os profissionais das agrárias devem ter atenção a estas questões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- GERMOV, J. e WILLIAMS, L. 1996, **The sexual division of dieting: women's voices**, Sociological Review, vol. 44, p. 630-47.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 7-29.
- PAIVA, J. B. **Hábitos alimentares regionais no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar em um município do sertão baiano: uma abordagem qualitativa**. 132 f. 2011. Dissertação (mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde), Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- PIPITONE, M.A.P. A relação saúde e educação na escola de 1º Grau. **Alimentação e Nutrição**, São Paulo, n.65, p.48-52, 1995.